

Recebido: 11/11/2020

Publicado: 30/04/2021

## O AMOR ROMÂNTICO NO EPICENTRO DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER NO CONTEXTO DA CULTURA DA AGRESSÃO

Gilberto Gnoato<sup>1</sup>  0000-0002-8966-9135  
Fundação de Estudos Sociais do Paraná -FESP

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo a revisão de temáticas implicadas nos estudos da violência doméstica contra a mulher e pretende contribuir para o avanço das pesquisas de gênero, sobretudo aquelas conduzidas pela análise jurídica (FOUCAULT, 1984) e que redundam no binário vítima /culpado. As mulheres são sempre vítimas da violência dos homens, mas isto não é tudo. Para além da teoria do patriarcado e da judicialização da intimidade, uma revisão histórico-cultural sobre o conceito de amor é fundamental para o entendimento das malhas que enredam a própria mulher no sofrimento amoroso. Adotamos a expressão “casais violentos”, segundo Machado e Magalhães (1998), analisada pela perspectiva dialógica-relacional de Santos e Izumino (2005). Destaca-se a pequena

importância dada pelas pesquisas feministas, acerca do discurso do amor-paixão ou romântico nos referenciais analisados. Desta revisão, conclui-se que, uma categoria específica de mulheres, espera muito mais do amor e dependem mais dele do que esperam os homens. Utilizamos como instrumento de análise qualitativa, a pesquisa da antropóloga Gregori (1993) e do psicoterapeuta Gnoato (2019). Em busca de uma interdisciplinaridade, o mirante teórico deste artigo guiou-se pelo diálogo da Antropologia, com a Filosofia da Linguagem e a Psicanálise, fazendo um percurso que vai da sondagem minúscula da intimidade do casal, para uma imbricação macroscópica da cultura da agressão no Brasil, tremendamente violento, emotivo, hierárquico e paradoxal.

**PALAVRAS-CHAVE:** Amor. Fantasia. Violência.

## ROMANTIC LOVE IN THE EPICENTER OF DOMESTIC VIOLENCE AGAINST WOMEN IN THE CONTEXT OF THE CULTURE OF AGGRESSION

**ABSTRACT:** This article aims to review themes involved in the studies of domestic violence against women and aims to contribute to the advancement of gender research, especially those conducted by the legal discourse by the victim/culprit binary. Women are always victims of men's violence, but that's not all. In addition to the theory of patriarchy and the judicialization of intimacy, a historical-cultural review of the concept of love is fundamental for understanding the meshes that enslave the woman herself in loving suffering. We adopted the expression "violent couples", according to Machado and Magalhães (1998), analyzed by the dialogical-relational perspective of Santos and Izumino (2005). It is noteworthy the small importance given by feminist research, about the discourse of

love-passion or romantic in the references analyzed. From this review, it is concluded that a specific category of women expects much more from love and depend more on it than men expect. We used as an instrument qualitative analysis the research of anthropologist Gregori (1993) and psychotherapist Gnoate (2019). In search of an interdisciplinarity, the theoretical lookout of this article was guided by the dialogue of Anthropology, with the Philosophy of Language and Psychoanalysis, making a path that goes from the tiny probing of the couple's intimacy, to a macroscopic imbrication of the culture of aggression in Brazil, tremendously violent, emotional, hierarchical and paradoxical.

**KEYWORDS:** Love. Fantasy. Violence.

## 1 Introdução

### 1.1 Cristalização e racionalização da paixão

As minas de sal de Hallein, próximo à Salzburgo na Áustria, ficaram conhecidas na literatura romântica muito menos por sua salinidade do que pela representação adoçada que teve a química do amor na obra de Stendhal (2011). Os mineiros oferecem aos visitantes, um pequeno ramo de árvore desfolhado pelo inverno, deixado por dois ou três meses nas profundezas da mina. O ramo incorpora uma fina camada brilhante de cristais deslumbrantes que ficam sedimentados na superfície da madeira, dando a ela um segundo corpo, agora, confundido na incapacidade de não mais se “reconhecer o ramo primitivo” (STENDHAL, 2011, p. 280).

Assim é o “amor-paixão” de Henri-Marie Beyle, ou simplesmente Stendhal (1783-1842): A cristalização das nossas fantasias e desejos, sobrepostos no corpo e na alma de quem nos apaixonamos, transforma o sal em diamantes. “A cristalização do sal recobriu as partes escuras desse ramo com diamantes tão brilhantes, e em tão grande número, que só em alguns lugares vemos suas partes tais como são” (STENDHAL, 2011, p. 282). Não vemos o outro tal como ele é, mas o espreitamos por aquilo que está sedimentado em nossos olhos e não mais no rosto do amado (a). Trata-se de uma “solução imaginária” [...] “é apenas pela imaginação que você tem certeza que tal perfeição existe na mulher que você ama” (STENDHAL, 2011, p. 282).

A uma profundidade de 150 metros abaixo do solo, as águas salgadas que correm pelos veios profundos das minas de Hallein, se compõem agora, pela perfeição do amante, em águas adocicadas que correm nas recônditas veias do coração apaixonado. O próprio Stendhal viveu a cristalização em sua paixão por Métilde Dembowski ao declará-la em 1819, “Se a Senhora tivesse defeitos eu nunca poderia dizer que não os vejo; na realidade, eu os diria que os adoro” (STENDHAL, 2011, p. 22).

Aquilo que em 1822, Stendhal nominou de cristalização, foi posteriormente reinterpretado pelos psicanalistas e psicólogos nos séculos seguintes e concebido como um mecanismo de defesa psicológica denominado de “racionalização”. Seu uso, está a serviço de um ganho afetivo que seria impossível, senão pelos argumentos racionais convenientes aos desejos do apaixonado. Trata-se de “uma maneira de fazer com que o inaceitável se torne

aceitável” (FORWARD; TORRES, 1990, p. 41). É quando um defeito, “justificado”, pode se tornar uma qualidade.

O amor proibido entre Tristão e Isolda se realiza quando, “por engano”, bebe-se uma poção mágica que a mãe da princesa Isolda havia preparado para que a filha tivesse um casamento feliz com seu futuro esposo, o rei. A intervenção da magia torna-se necessária para justificar a paixão impossível para ambos e que isenta o indivíduo, retirando-o do banco dos réus. “Que é então a poção”? É o álibi da paixão. É o que permite aos infelizes amantes dizerem: Bem veem que não é culpa minha, bem veem que é mais forte que eu” (ROUGEMONT, 1988, p. 39).

A racionalização é um “Processo pelo qual o sujeito procura apresentar uma explicação coerente do ponto de vista lógico, ou aceitável do ponto de vista moral, para uma atitude, uma ação, uma ideia, um sentimento etc., cujos motivos verdadeiros não percebe” (LAPANCHE; PONTALIS, 1992, p. 423).

No Brasil, início dos anos 1980, a antropóloga Maria Filomena Gregori utilizou o método da “Análise de Discurso” (FOUCAULT, 2012) com mulheres agredidas pelos parceiros íntimos que procuravam o plantão de atendimento do SOS-Mulher, em São Paulo, a primeira instituição brasileira a acolher vítimas de relacionamentos abusivos. Uma das conclusões foi a de que as agredidas relatavam as agressões como um “acontecimento” fora da relação do casal à medida que explicavam o ato violento do marido pelo uso da bebida alcoólica entre outras justificativas, convertendo o inaceitável em aceitável (GREGORI, 1993). Esse processo de racionalização está a serviço da manutenção das relações de risco. No Brasil, um número inestimável de mulheres politizadas, instruídas e que não dependem financeiramente de seus parceiros, permanece por um longo período de tempo convivendo com um parceiro violento. Por que esta categoria de mulheres continua no relacionamento abusivo?<sup>ii</sup>

O “*Mapa da Violência*” contra a mulher no Brasil, ano 2015, fornece um dado desolador, pois revela que o índice de reincidência da agressão é 49,2% e o mais trágico é constatar que 67,2% das agressões são cometidas pelo parceiro ou ex-parceiro amoroso. O homem que as agride é o mesmo homem que elas dizem amar. Isto é amor? Que amor é este?

## 2 Desenvolvimento

### 2.1 Uma breve história de amor: “Amor Cortês” “Amor Paixão” e “Amor Romântico”

A expressão “amor” é usada nas mais diversas e ambíguas situações e escuda-se sob a égide da pureza, da benevolência, do humanismo ou do direito, como um estranho arauto que entra e sai de diferentes mundos, intrépido à dúvida nativa, seguro da sua grandeza real. Para situar apenas uma época mais recente sobre a pregação do amor, da incursão amorosa das Cruzadas, da clemência missionária sobre os nativos do Novo Mundo, no século XVI, ao pão generoso dos miseráveis operários do século XIX, até as cicatrizes do amor paterno na pele emocional dos filhos, ou; mais recentemente, entre os mais dóceis: Nós, “os psicólogos e o pequeno funcionário da ortopedia moral” (FOUCAULT, 2013; p. 15). Seja lá, onde e como, todas, em todas as situações; empunha-se como o álibi, o pendão do amor. Embora a palavra amor sugira, no mundo pensado, uma designação única e universal, o mundo vivido experimenta várias categorias de amor que se diferenciam, dependendo da cultura ou de quem são os atores do drama amoroso.

O amor se diz em vários sentidos. Fala-se de amor humano e de amor divino (o amor a Deus, o amor de Deus). Fala-se do amor do apaixonado assim como do amor materno ou paterno. Fala-se também do amor por andouillette (linguiça típica francesa). Quanto aos filósofos, e a alguns sociólogos, eles por vezes distinguem três tipos de amor que correspondem a três noções gregas; filia (que se traduz geralmente por “amizade”, mas cujo sentido é mais amplo), eros (que se traduz simplesmente por “amor” ou “desejo sexual”) e ágape (que se traduz por “amor ao próximo” ou “caridade”) (WOLFF, 2018, p. 31-32).

A subseção seguinte tem o propósito de situar o leitor, longitudinalmente, acerca de três modalidades amorosas difundidas no Ocidente, a partir do século XII até os dias de hoje. O amor cortês, o amor paixão e o amor romântico.

### 2.1.1 O amor cortês

Embora guardem suas particularidades históricas e culturais, as três modalidades carregam qualidades comuns de ordem biológica, como a atração erótica pelo outro e psicológica, como a força involuntária, irracional, e imaginária, entre dois, não mais de dois indivíduos. Portanto, não se ama qualquer um, neste tipo de amor que; exige “exclusividade” e certa “submissão” específica a uma só pessoa, entre várias (PAZ, 1994).

Na procura de um marco inaugural do amor cortês, em que mesmo sob a reprovação social, dois indivíduos se unem clandestinamente por um sentimento pessoal, situamos o comportamento da nobreza feudal francesa em Provença, no século XII, denominado por

Rougemont (1988, 2003) de “amor cortês”. Assim, nominado por ser marcado pela educação da corte, como as atitudes cavalheirescas marcadas pelo refinamento dos senhores medievais as suas damas. Trata-se, de um desejo físico e psíquico, mas sobretudo este tipo de amor encontra-se abarcado em sua grande extensão, pela forte influência das condições locais. Por “uma cultura singular” nos termos de (PAZ, 1994, p. 74), comentada a seguir.

O século XII foi o século do nascimento da Europa, nessa época surge o que seriam depois as grandes criações de nossa civilização, entre elas, duas das mais notáveis: a poesia lírica e a ideia de amor como forma de vida. Os poetas inventaram o “amor cortês” (PAZ, 1994, p.70). “Em menos de dois séculos esses poetas criaram um código de amor, ainda hoje vigente em muito de seus aspectos” (PAZ, 1994, p. 71). Eram estes poetas trovadores que declamavam e redigiam canções apaixonadas em uma prolífera literatura sobre o amor cortês em um efervescente contexto histórico-cultural.

Várias circunstâncias históricas tornaram possível o nascimento do “amor-cortês”. Em primeiro lugar a existência de senhorios feudais relativamente independentes e ricos. O século XII foi um período de afluência: agricultura próspera, início da economia urbana, atividade comercial não só entre as regiões europeias, mas também com o Oriente. Foi uma época aberta ao exterior: graças às cruzadas, os europeus tiveram um contato mais estreito com o mundo oriental, com suas riquezas e suas ciências; por meio da cultura árabe redescobriram Aristóteles, a medicina e a ciência greco-romana. [...] Ao começar o século XII, o sul da França foi um lugar privilegiado, no qual se entrecruzavam as mais diversas influências, desde as dos povos nórdicos até as dos orientais (PAZ, 1994, p. 71-72).

A outra dimensão que permitiu o nascimento do amor cortês foi à inversão privilegiada da nobreza feminina no jogo das paixões feudais. Umas conjunturas de situações favoreceram essa mudança.

Uma foi de ordem religiosa: o cristianismo outorgara à mulher uma dignidade desconhecida no paganismo. Outra, a herança germânica: as mulheres germânicas eram muito mais livres que as romanas. Finalmente a situação do mundo feudal. O casamento não era baseado no amor, mas sim em interesses políticos, econômicos e estratégicos. Nesse mundo em perpétua guerra, às vezes em países longínquos, as ausências eram frequentes e os senhores eram obrigados a entregar as suas esposas o governo de suas terras. A fidelidade entre as partes não era muito rigorosa e há muitos exemplos de relações extraconjugais (PAZ, 1994, p. 72).

A centralidade da mulher na história do amor no Ocidente advém das narrativas dos poetas provençais. Eles,

[...] adotaram o costume árabe, invertem a relação tradicional dos sexos, chamam a dama de sua senhora e se confessam seus servos [...] essa mudança foi uma revolução. Inverteu as imagens do homem e da mulher [...] É um uso que chegou até os nossos dias. A masculinização do tratamento das damas tendia a destacar a alteração da hierarquia dos sexos: a mulher ocupava a posição superior e o amante a do vassalo. O amor é subversivo (PAZ, 1994, p. 74).

O amor cortês termina, apenas cronologicamente, com o fim da sociedade provençal e do estilo da corte, mas, na atemporalidade dos amantes, muitas regras do seu estatuto imperam até hoje, no sonho de um ‘príncipe’ ou nas cortesias do discurso cavaleiresco que ainda encantam “damas”, “princesas” e “rainhas”.

### 2.1.2 O amor paixão

O termo “*amour passion*”, criado por Stendhal (2011) se diferencia em grande parte do amor cortês, por ser perturbador e fervoroso como uma paixão religiosa (GIDDENS, 1993). Um impulso descontrolado e obsedante do apaixonado. A atração sexual é mais destacada que, a do amor cortês, e suas narrativas têm origem nos mitos celtas. “Se difere do amor cortês por possuir elementos mágicos e bárbaros” (PAZ, 1994, p. 87), provenientes de uma “poção mágica” como no mito de Tristão e Isolda. São narrativas, mais dramáticas e trágicas que o ideal de sofisticação e requinte da corte do século XII.

“Para os provençais, que seguem a erótica árabe, o amor é fruto de uma sociedade refinada; não é uma paixão trágica” (PAZ, 1994, p. 87). No caso do amor paixão, este não tem classe, nem ética e é apolítico. Ele “arranca o indivíduo das atividades mundanas e gera uma propensão às opções radicais e aos sacrifícios. Por essa razão, encarado sob o ponto de vista da ordem e do dever sociais, ele é perigoso” (GIDDENS, 1993, p. 48). “O primeiro casal de amantes apaixonados cuja história chegou até nós, foi Heloísa e Abelardo e seu encontro ocorre precisamente em 1118” (ROUGEMONT, 2003, p. 101). Uma trágica história de amor que se concretizou na sepultura onde hoje encontra-se Pedro Abelardo e Heloísa de Argenteuil, lado a lado, no cemitério Père-Lachaise em Paris.

O apaixonado, como afirma Stendhal (2011), arde em “febre”. A palavra paixão, do grego, significa “*pathos*” (aquilo que foge do controle da razão) e adotada como sinônimo de um sofrimento “patológico” em que o sujeito é contraído por uma enfermidade que “os medievais já chamavam a atenção para a “doença da alma” (ROUGEMONT, 2003, p. 377), ou

uma “obsessão” nos termos de Pondé (2017, p. 13-14). Também destaca-se pela semelhança, a palavra afeto que do latim e significa “afecção”.

O amor-paixão tem como centralidade o “ardor sexual” (GIDDENS, 1993, p. 51) presente de forma bem mais discreta no amor cortês. Este, encontra-se muito mais representada pelas *finesses* da corte, do que pela deselegância escandalosa do calor da carne.

### 2.1.3 O amor romântico na vida privada

A gênese do amor romântico se manifesta no final do século XVIII, com o nascimento da noção de indivíduo e de um mundo interior e intensifica seu poder no século XIX, com as narrativas literárias românticas, ou seja, os “romances” e as “novelas”. Tais narrativas contam, pela primeira vez uma história individualizada de amor entre o eu e o outro, desvinculando o indivíduo das obrigações sociais. Uma história de realização pessoal com a liberdade burguesa para amar. Esta modalidade sentimental, embora tenha incorporado elementos do amor paixão se diferencia deste por deslocar o “ardor sexual” para a sombra da essência sublime, sonhadora e fantasiosa contida no amor romântico (GIDDENS, 1993).

Como em qualquer outra modalidade sentimental e também na história do amor, não seria possível contá-la, sem o protagonismo central da mulher. (GIDDENS, 1993; PAZ, 1994). “Uma onda crescente de novelas e histórias românticas, que não diminuiu até hoje – muitas escritas por mulheres –, inundou as livrarias do século XIX em diante. O surgimento da ideia do amor romântico tem de ser compreendido em relação a vários conjuntos de influências que afetaram as mulheres a partir do final do século XVIII” (GIDDENS, 1993, p. 52-53), até o final do século XIX.

Infelizmente a Revolução Industrial do século XIX deslocou as posições de gênero, colocando a mulher burguesa no espaço doméstico e a mulher popular no trabalho escravo da indústria têxtil. O retorno da mulher ao espaço doméstico e a incisão das esferas distintas, público e privado, foram acontecimentos decorrentes da “revolução do consumo” ocorrida ao final do século XIX, pela “economia doméstica feminina” (PERROT, 1988, p. 178).

A administração industrial predominante da época promoveu o patrão como dono da fábrica e a patroa como dona de casa. Também a distinção fronteiriça e rigorosa sobre o “social” e o “político”, outorgou aos homens o poder político, e às mulheres, o poder na vida privada e doméstica, (PERROT, 1988, p. 179) para que pudessem sonhar o sonho dos homens, amando sua prole como mães e os seus maridos como esposas obedientes.

Assim, a mulher ao longo do enfadonho século XIX, se constituiu como um “ser-para-os-homens” (BEAUVOIR, 2009, p. 239). Ao que conclui no século XX, o psicanalista Jurandir Freire Costa. “O amor romântico, quando se estabilizou como norma de conduta emocional na Europa, respondeu ao anseio de autonomia pessoal “e sobretudo a “um ideal de felicidade” (COSTA, 1999, p. 18), especialmente para as mulheres, marcadas por uma sociedade profundamente religiosa e familista (ALMEIDA, 2007). Afetiva; hierárquica (DAMATTA, 1993) e violenta. No ranking mundial é o quinto país que mais mata mulheres no mundo (WAISELFISZ, 2015).

## 2.2 Mito e amor

A obra “O raio verde” de Júlio Verne, publicada em 1882, foi inspirada no mito escocês de um passado distante. Aquele que avistasse o “raio verde”, fenômeno atmosférico raro que ocorre ao crepúsculo da tarde, teria então, como por encanto, encontrado o “verdadeiro amor”. Também o mito medieval do cavaleiro Tristão e da princesa Isolda, narrada no século XII, remonta, para certos autores, as lendas celtas primitivas (ROUGEMONT, 1988). Nestes dois exemplos, como em todos ou outros casos que posteriormente comentaremos, há uma estrutura da linguagem mítica que é atemporal<sup>iii</sup>, como um cordão mágico que se repete, mudando um pouco suas formas e mantendo em parte sua estrutura.

Castro e Araújo (1976) em “Romeu e Julieta e a Origem do Estado” tratam a narrativa de Shakespeare como o marco inaugural, ou seja, como o mito de origem do amor no Ocidente que se reverbera “em data indefinida (meados do século XV?) e se reproduz no presente, tal como a obra de Júlio Verne, de 1882, se reproduziu no cinema em 1986 e também o mito de Tristão e Isolda do século XII torna-se ópera em Richard Wagner no século XIX e depois se transforma em literatura e no século seguinte, chega até nós pelo cinema (CASTRO; ARAÚJO, 1976). Nos perderíamos nas contas de quando, onde e quantas vezes o mito de Romeu e Julieta esteve e continua presente no nosso irreflexivo cotidiano. Tratar Romeu e Julieta como um mito de origem do amor é também destacar que os mitos são estruturas fundantes das sociedades segundo Strauss (2003) e os indivíduos não estão do lado de fora do seu poder e nem isentos da sua “eficácia simbólica” (STRAUSS, 2003, p. 2015). A paixão acaba então por ser inelutável para o indivíduo moderno, já que se “o amor pode tudo”, o imperativo amoroso tornou-se uma obrigação no final do século XIX.

Se as mulheres orientais ficam trancadas num espaço determinado, o harém, as ocidentais têm outra prisão: a imagem. [...] A energia que as mulheres consagram ao corpo para não deixá-lo enrugado nem engordar é impressionante. E tudo para entrar em outro cárcere: o do olhar masculino. Os homens olham as mulheres. E as mulheres se olham ser olhadas, diagnosticou o sociólogo John Berger. E a feminista Naomi Wolf cravou sem dó: A fixação sobre a magreza feminina não é expressão de beleza da mulher, mas obediência feminina (PRIORE, 2013, p. 255-256).

### 2.3 O nascimento do indivíduo sentimental

Esta subseção tem o propósito de apresentar as condições histórico-culturais que promoveram a aparição de uma gramática afetiva que fala sobre a existência de um “mundo interno”. A interioridade do indivíduo passa a ser o lugar onde se fecunda o amor.

O romantismo do século XIX, foi um movimento artístico contra a soberania da razão iluminista do século anterior, enquanto que as luzes, foram uma reação filosófica, contra o teocentrismo medievo arraigado no pensamento ocidental e que tornara a criatura humana, apenas a um pedaço de Deus, criado a sua imagem e semelhança. “Antes do fim do século XVIII, o homem não existia. É uma criatura muito recente que a demiurgia do saber fabricou com suas mãos a menos de 200 anos”. [...] “Não havia consciência epistemológica do homem como tal” (FOUCAULT, 1981, p. 324-325).

Uma série de acontecimentos, durante o século XVI, até o final do século XVIII, promoveram a gênese da subjetividade psicológica e também a de um corpo físico, único, separados da extensão divina. Trata-se do despertar de um “sentimento de si” até então possuído pelos céus. Também uma nova sensibilidade, um “sexto sentido” (VIGARELLO, 2016, p. 30), promoveram o “sentimento da existência” (VIGARELLO, 2016, p. 100). A obra de ser e existir, de maneira íntima, é o resultado de uma imbricação de revoluções e reformas iniciadas no século XVI e retocada com o buril da razão, ao final do século das luzes.

Seu acabamento final foi entalhado pelo movimento romântico do século XIX que entre tantas aventuras, criou a moda dos diários íntimos, o uso do haxixe, do ópio e o interesse pelos sonhos (VIGARELLO, 2016). Trata-se da “transformação da intimidade” erótica e amorosa nos termos de Giddens (1993, p. 198-200). Um dos acontecimentos que antecedeu a transformação a que se refere o sociólogo, ocorreu pela substituição de um verbete da Enciclopédia, dicionário de 35 volumes contendo nele todos os dados das ciências sociais e humanas da época.

Diderot substituiu o termo “alma” por uma expressão até então ignorada tanto pelos dicionários quanto pelos textos clássicos: “o si”. Ele literalmente fabrica um termo, transforma em substantivo um vocábulo até então tido por simples pronome. [...] Diderot arrisca uma definição, evoca a origem da rede sensível, essa parte que constitui o si. Esse termo, tornado hoje tão banal que seu nascimento parece ter sido esquecido. [...] Esse “si” torna-se instância que define o indivíduo, sua interioridade, seu princípio de reconhecimento íntimo (VIGARELLO, 2016, p. 99-100).

Se concretiza a passagem de um “penso logo existo” para um “sinto logo existo” (VIGARELLO, 2016, p. 11). Se a razão cartesiana do século XVII se convencia do “existo porque penso”, o psicanalista francês Jacques Lacan vem afirmar que “existo onde não penso”. É lá, no campo do inconsciente, das “pulsões” onde a lógica e a consciência se sujeitam, e onde a ética não alcança; é lá, que o homem virtuoso sonha com o que o perverso realiza (FREUD, 1969).

#### 2.4 Amor e violência ou violência do amor?

O pressuposto básico desta subseção se fundamenta na premissa de que o amor-paixão-romântico não é uma substância etérea oriunda das estrelas, do destino cósmico, ou de Deus e tampouco o amor é sempre dócil ou bom. O amor é a extensão do indivíduo, mais apropriadamente a continuidade da sua identidade. Ama-se tal como é o indivíduo. A filósofa Amélie Rorty, reconhecida pelo interesse acerca das emoções humanas, sustenta que “o amor não é recíproco e nem simétrico” (SOLOMON, 2011, p. 295). Isto implica dizer que não necessariamente o amante ao dar o seu “bom amor”, será igualmente amado. O amor, como a sexualidade, está imbricado no indivíduo, ou melhor, faz parte da sua identidade. Tanto Rorty quanto Salomon entendem haver um conjunto de atitudes psicológicas, dentre elas o amor que são moldadas pelo caráter do indivíduo e da pessoa amada. (SOLOMON, 2011). Logo, um indivíduo subserviente amará sujeitando-se deleitosamente ao outro. Um indivíduo onipotente dará ao outro a sua soberba amorosa. Alguém dócil oferecerá sua brandura e um indivíduo violento amará o outro com a brutalidade do seu coração.

Além de utilizarmos a fundamental obra “Cenas e queixas”, publicada em 1993, pela antropóloga Gregori, também nos apoiamos no trabalho do psicoterapeuta Gnoato (2019) sobre o estudo acerca de 894 casos de mulheres que permanecem em situação de risco, vivendo com o parceiro, mesmo sofrendo violência física e psicológica. A partir desta análise foi possível

ressaltar a devida importância que tem a dimensão do amor nos relacionamentos violentos, até então relegada a um plano secundário pelo materialismo histórico e pela teoria do patriarcado, vigentes nos estudos feministas até o final dos anos 1980. Sobre o poder masculino, não ignoramos a desigualdade entre os gêneros, mas queremos aqui, destacar muito mais o poder do amor sobre as mulheres do que o poder dos homens sobre elas. Sobre o poder, Foucault (1984) reconhece as assimetrias desse mecanismo, sejam elas entre o povo e o Estado, entre o patrão e o assalariado, ou entre o masculino e o feminino, no caso da nossa tese. “O poder não é algo que se adquira, arrebate ou compartilhe algo que se guarde. O poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis” (FOUCAULT, 1984, p. 90).

No entanto, as assimetrias não são verticais e nem propriedade dos “dominantes”.

[...] o poder não existe. Quero dizer o seguinte: a ideia de que existe, em um determinado lugar, ou emanado de um determinado ponto, algo que é um poder, me parece baseada em uma análise enganosa e que, em todo caso, não dá conta de um número considerável de fenômenos. Na realidade, o poder é um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado [...] então o único problema é munir-se de análises que permitam uma analítica das relações de poder (FOUCAULT, 1982, p. 248).

As pesquisas dos anos 1990 asseveram que a análise da teoria do patriarcado era cabível apenas entre mulheres dependentes economicamente de seus parceiros, mas não esgotava as forças que conduziam mulheres politizadas, “empoderadas”, estudadas e que sobretudo não dependiam financeiramente de seus parceiros, a suportar uma relação conturbada, como o caso de uma juíza de direito que se apaixona por seu jardineiro (SANTOS; IZUMINO, 2005). O homem que a agride é o mesmo que cuida das suas flores. A teoria do patriarcado e da dominação masculina, tem seu limite ao desconsiderar a força da paixão, como um dos principais sustentáculos dos relacionamentos abusivos, analisado nos estudos de Gregori (1993), Machado e Magalhães (1998), Santos e Izumino (2005) e Gnoato (2019).

Chama-nos a atenção que 90% das mulheres atendidas pelas plantonistas do SOS-Mulher, comentado no início desta seção, não retornaram mais para as reuniões da instituição. Isso faz supor, como destaca Gregori (1993) que essas mulheres, mesmo agredidas pelo homem que amavam, circundavam em torno da queixa, mas não se posicionavam perante a separação do parceiro violento. Em outros termos, estavam mais dispostas a reclamarem dos parceiros do que registrar uma queixa contra o agressor.

A retirada da queixa torna-se um aspecto fundamental para a guinada da corrente teórica, denominada nos anos 90 de “análise relacional” (SANTOS; IZUMINO, 2005), acerca da

violência contra a mulher nas relações conjugais. A relevante pesquisa de Elaine Brandão em 1995 no Rio de Janeiro, conclui que sob o ponto de vista das mulheres, a suspensão da queixa, “é um instrumento de negociação com o parceiro, com vistas à manutenção, transformação ou dissolução da relação conjugal” (SANTOS; IZUMINO, 2005, p. 5).

Estudos mais recentes sobre a violência doméstica no Brasil, especialmente nos anos noventa, reconhecem atitudes que levam mulheres a se manterem em relações de violência e até mesmo contribuírem para a continuidade do jogo, não só nos campos da Psicologia e da Psicanálise quanto no campo dos estudos de gênero e estudos feministas (MACHADO; MAGALHÃES, 1998).

## 2.5 O dispositivo cultural e psicológico do amor

Assumimos aqui a posição de que o amor romântico é, na atualidade, um forte “dispositivo” cultural e psicológico para a manutenção da violência entre casais. Segundo Foucault (1982), o dispositivo é

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 1982, p. 244).

Enredadas nas malhas da paixão, voltam aos braços do grande amor, mesmo que mantendo-se prisioneiras do seu agulhão. Amar torna-se, para essas mulheres, uma obrigação, uma “carga”, termos de (BOURDIEU, 2011), que tolera a agressão do amado, condenando o julgamento dos juristas, desertando da luta feminista e cancelando a sessão de terapia. Vejamos alguns casos.

A imprensa nacional divulgou, em 2015, e com destaque especial ao telejornalismo local da Rede Globo, Rede Massa e TV Record de Curitiba que a tricampeã brasileira de *Body Fitness*, morreu aos 32 anos, ao “cair” do 31º andar do edifício em Curitiba. Dias depois a perícia descobre que ela foi arremessada pelo namorado. A polícia já havia sido chamada ao apartamento onde os dois moravam, por conta das brigas anteriores. Apesar de tudo, ela nunca oficializou uma queixa contra o parceiro, justificando sua ação pelo credo do amor: “não fiz (a denúncia) em consideração a gostar dele”.

Outro caso muito difundido em Curitiba, sob o codinome de “musa do pó”, foi sobre uma dentista que em 2014, chamou a atenção da imprensa por sua beleza. Ela cumpriu 8 meses em regime fechado e o restante da pena em liberdade, fazendo uso de uma tornozeleira eletrônica. A “Musa” foi presa por assumir que era de sua propriedade uma grande quantidade de drogas e armas de fogo. Já em liberdade assistida, ela declarou em entrevista ao jornalismo da Rede Paranaense de Comunicação (RPC) que a droga e as armas não eram suas e sim do namorado, um conhecido traficante das baladas curitibanas. Quando indagada pelo repórter sobre os motivos dessa atitude sacrificial, ela respondeu, tal como o fez a fisiculturista, no caso anterior, dizendo que fez “por amar”, porque “gostava dele”.

A estrela caribenha de Barbados, a cantora Rihanna, quebrou o silêncio em maio de 2009 ao revelar publicamente para a imprensa que foi espancada pelo namorado, o rapper americano Chris Brown. Em entrevistas posteriores, indagada se sentiu raiva do agressor, ela respondeu que “Não! Não! Não! Eu o amava”. As mulheres que são tomadas pelo amor-romântico, parecem estar sempre disponíveis a ajudar o companheiro e compreendê-lo sem rancor. Não sentem a violência física como o principal motivo da separação, mas sim a ferida causada nos sentimentos. “O que os homens não compreendem quando batem em uma mulher é que o rosto, o braço quebrado, o olho roxo vão se curar. Esse não é o problema. O problema é a ferida por dentro” (RIHANNA, 2009)<sup>iv</sup>. Os excertos da obra de Gnoato (2019) vêm corroborar com os casos já apresentados.

Olá Dr. Tive um casamento de 7 anos, ele era ótimo, tudo que eu sempre desejei, companheiro, sempre me desejou, mas então comecei a ver diversas ligações para mulheres. Me pediu perdão, disse que não passou disso e pediu para que eu voltasse a ser quem eu era, pois ele me amava. Acabei deixando passar e a convivência ficou péssima até que um belo dia ele me agrediu, aí sim meu mundo acabou, o homem que sempre me tratou feito rainha... me decepcionei muito...então resolvi me separar...ele implorou, pediu perdão, ajuda, fez de tudo, mas, eu levei até o final. Hoje faz 8 meses de separação, voltei a morar com meus pais, eles não aprovam a reconciliação, mas sinto muita falta dele, ele ainda me procura, e realmente vejo que sofre com isso, e morro de vontade de voltar para os braços dele. Me ajuda por favor... (Registro 823, GNOATO, 2019).

Uma das características profundas da sociedade brasileira, se hospeda no significante materno. A historiadora Mary Del Priore ao referir-se à artista Tônia Carreiro, cita uma frase bastante exemplar a respeito do lugar das mulheres que desejam cuidar dos maridos: “O truque para prender o homem não é beleza e nem juventude. É uma coisa tão besta que dá raiva: É parecer com a mãe” (PRIORE, 2013, p. 80). O excerto a seguir vem reafirmar a posição ocupada

pela categoria de mulheres que age com tolerância ilimitada, ao tratar seu parceiro amoroso como muitas mães no Brasil, tratam seus filhos.

Olá Gilberto. Sou casada há 5 anos. Quando conheci meu marido ele estava desempregado, sem nenhuma perspectiva de melhorar de vida, sem estudo e sem dinheiro nem pra condução. Fui ajudando ele a melhorar. Comprei roupas, ele arrumou um emprego, mas ganhava muito pouco, pois não tinha estudo, e eu sempre acabei bancando tudo, "empurrei" ele pra estudar e ele hoje é formado e tem seu próprio escritório, mas as coisas não melhoraram financeiramente, ele gasta tudo que ganha e não traz nada pra casa, eu continuo bancando tudo exatamente como era no início. São 5 anos carregando ele nas costas. Estou cansada, gosto dele, ele é pai do meu filho, mas já não sei mais se isso vale a pena, estou me sentindo explorada, ele se acostumou com a situação e sempre que o escritório melhora ele reverte o dinheiro para o próprio escritório, fala que precisa investir para crescer mais, já trocou de sala três vezes, sempre indo pra um lugar melhor e claro com aluguel mais caro. Eu pago todas as contas do nosso filho, da casa, do carro... Preciso de um conselho (Registro721, GNOATO, 2019. p. 173)

## 2.6 A Psicanálise e o amor à brasileira

Entende-se que a constituição da identidade feminina está profundamente marcada pela dimensão das crenças e valores histórico-culturais. Ainda assim, isto não é tudo. Um deslocamento da exterioridade cultural, para o interior do indivíduo, seja pela experiência na clínica psicológica ou na pesquisa, revelam os efeitos psicológicos na mulher adulta, que são produzidos pela intimidade remota da relação materna com a filha, e posteriormente a presença do pai como intruso desta “célula narcísica” (FREUD, 1969). Tanto a mulher situada socialmente e culturalmente, quanto à mulher situada psiquicamente se finalizam em uma conjugação comum.

Pela redução psicanalítica, uma menina torna-se mulher por intermédio da mãe, referência de identificação da filha. Pela redução do construcionismo social, a mulher é produto exclusivo de um discurso historicamente construído. Sugere-se a junção das duas perspectivas. Quando uma menina brinca de boneca, não está em jogo apenas o suposto determinismo social que separa arbitrariamente meninos de meninas, porque para aquém ou além desta redução, a menina assume o lugar da mãe ao cuidar da sua filha-boneca, como o mesmo amor que a sua mãe a protege e ampara-a.

A filha tende a ficar mais parecida com a mãe e o menino, com o pai. Embora esta inclinação não seja determinística, reconhecemos o poder do seu pendor. Por um processo de identificação, a começar pela diferença anatômica e reforçada pelas diferenças simbólicas, a

mãe torna-se um obstáculo para a identificação da filha com o pai, considerando que sua tendência, de modo geral, é manter a filha sob seu poder. Esta fusão entre mãe e filha, ocorre no primeiro tempo do complexo de Édipo, mas também é anterior a ele. “Vemos portanto, que a fase de ligação exclusiva à mãe, que pode ser chamada de fase pré-ediipiana, tem nas mulheres uma importância muito maior do que a que pode ter nos homens” (FREUD, 1969, p. 265). As filhas estão mais propensas que os filhos a repetirem o modelo materno, por estarem mais próximas à mãe. Ao contrário do menino que para tornar-se um homem, necessita afastar-se da mãe.

A respeito da diferença anatômica entre os sexos não sejam lembradas conscientemente e, hoje em dia, estejam até sendo desacreditadas, elas deixam, sim, marcas no inconsciente de cada sujeito. Essas marcas iniciais dotam de fatores diferentes as respectivas estruturas psíquicas de homens e mulheres, para além dos fundamentos básicos que os constituem de forma semelhante como seres humanos (ZALCBERG, 2019, p. 28).

As futuras escolhas amorosas desta filha estarão, para Freud (1969), atreladas a posição que ela ocupou na sua relação com os pais.

Observamos que muitas mulheres que escolheram o marido conforme o modelo do pai, ou o colocaram em lugar do pai, não obstante, repetem para ele, em sua vida conjugal, seus maus relacionamentos com as mães. O marido de tal mulher destinava-se a ser o herdeiro de seu relacionamento com o pai, mas na realidade, tornou-se o herdeiro do relacionamento dela com a mãe. [...] Com muitas mulheres, temos a impressão de que seus anos de maturidade são ocupados por uma luta com os maridos, tal como suas juventudes se dissiparam numa luta com suas mães (FREUD, 1969, p. 265).

A diferença do Édipo da menina é que “o pai não separa a filha totalmente da mãe” (FREUD, 1969, p.222). A primeira liberdade de uma mulher é libertar-se do poder da mãe. Assim, ela deixa de ser menina para ser uma mulher, livre para amar; todavia, enredada na cultura do amor romântico.

Mas, o que é ser uma mulher? Para os freudianos, a resposta está na mãe que detém os “segredos da feminilidade” (FREUD, 1969, p. 334), pelo poder imperativo do seu amor e pela dependência amorosa da filha perante o inelutável poder materno. “Ao contrário de uma garota, que pode permanecer próxima à mãe enquanto descobre sua identidade, um menino deve afastar-se da mãe para crescer e se tornar um adulto” (FORWARD; TORRES, 1990, p. 115). São dois roteiros diferentes na dramaturgia do gênero amoroso.

Constituímos a identidade humana na relação com o outro. No entanto tal relação nunca é dialógica, integradora, harmoniosa, porque o mesmo ser humano que ampara o outro é também o mesmo que o destrói. As ambivalências das relações ocorrem também pela dialética das identificações entre amor e ódio, como muito bem o psicanalista Jacques Lacan nominou de “amoródio”. Trata-se do

[...] amor dos amantes acompanhado de ciúme e desejo de matar, amor e rivalidade dos filhos pelos pais e vice-versa [...]. Várias oposições entram em jogo no amor: amar e ser amado, amar sem ser amado, amar e odiar, amar e ser odiado etc. Em suma, a questão é tão vasta quanto à palavra que a designa (ROUDINESCO, 2019, p. 11).

Admitamos hipoteticamente que tais conjecturas sofreram extensas modificações nas famílias contemporâneas das sociedades modernas, onde a autonomia do indivíduo é um valor supremo (DUMONT, 1992). No entanto, o Brasil, na sua expressiva extensão é uma “sociedade tradicional” nos termos de Diegues (2004, p. 87-88). Nela, depois de Deus, os brasileiros confiam mais na família do que em qualquer outra instituição (ALMEIDA, 2007).

Além dos laços de amor pelos familiares, a mãe é a entidade simbólica mais exaltada e idealizada, tendo no dia das mães o elevado ritual dos afetos das famílias brasileiras. O antropólogo Roberto DaMatta (1987) nomeia a necessidade da nossa definição identitária na relação com os nossos parentes e amigos, de “sociedade relacional”. A aproximação dos objetos e das pessoas aos sentidos do coração é o retrato falado do “homem cordial” que procura na terminação “inho” (cafezinho, carinho, docinho, jeitinho, amorzinho) uma forma de familiarizar as pessoas e as coisas, através de uma “ética de fundo emotivo” (HOLANDA, 1995, p. 148). O Brasil é uma sociedade tremendamente passional e que acolhe com extrema hospitalidade o amor romântico. Observa-se neste cenário a forte imbricação entre a cultura e a afetividade. Por outro lado, nossa identidade social também é extremamente violenta. Uma combinação trágica que faz da violência no Brasil, uma forma de relação, seja no espaço público ou na intimidade do espaço privado entre “casais violentos”, segundo Machado e Magalhães (1998, p. 4), cujo desfecho final, muitas vezes é anunciado na crônica policial como “amor criminoso”.

O amor violento vai na contramão do slogan feminista dos anos 1980: “Quem ama não mata”; pois, destaca-se, no Brasil, país que tem o maior índice de homicídios do planeta e o quinto que mais mata mulheres no mundo (WAISELFISZ, 2015), uma característica tortuosa e singular da nossa sociedade, a destacar: A nação que possui o maior número de

católicos e o maior número de espíritas do mundo (NERI, 2011) é a mesma que aplica a “Lei de Talião”, pois a maioria da população aprova o linchamento público (ALMEIDA, 2007). Na lógica religiosa, “Amai ao próximo como a ti mesmo” converte-se em, teme ao próximo como a ti mesmo. “Amai-vos como eu vos tenho amado” ressignifica-se em, odiai-vos uns aos outros. É nesta sociedade carnavalesca e “paradoxal” segundo (DAMATTA, 1987; 1990; 1993) onde se mistura o público com o privado e o profano se fantasia de sagrado o amor se encanta pelo ódio. Aqui, “os brutos também amam”.

É neste contexto do amor e ódio que ressaltamos um pequeno corte longitudinal acerca da reação de um movimento de resistência e de luta das mulheres contra a violência masculina. Entre as três ondas do feminismo no Brasil, a segunda onda ocorreu nos anos de 1980 e inaugurou o feminismo das diferenças, segundo Pinto (2003). Entram em voga discussões sobre o aborto, a liberdade sexual e se incluem nas discussões feministas a saúde da mulher em seus aspectos mais íntimos como a sexualidade e o amor. Nessa perspectiva, a mulher passa a ser tratada como uma categoria livre dos homens à medida que a sua emancipação sexual ganha visibilidade.

Este artigo procurou focar a categoria mulher e seu sofrimento acerca da violência conjugal. Mais especificamente, o seu lugar no discurso da violência a partir dos anos de 1980, momento em que a sociedade expunha publicamente a violência contra a mulher, estampado no excerto a seguir:

Dez de outubro de 1980: dia em que a escadaria do Teatro Municipal de São Paulo ficou repleta de mulheres vestidas de branco e portando faixas com os dizeres “O silêncio é cúmplice da violência”, e, nomes de mulheres assassinadas por seus maridos. Um evento público que entre outras denúncias e palavras de ordem divulgou a formação da entidade SOS-Mulher...A ideia foi promover um júri popular que julgasse o assassinato recente de duas mulheres: Esmeralda Dias e Anne Marie Armichaub. “Quem ama não mata” foi a frase repetida aos berros pelo coro das feministas entre cada uma das falas proferidas ao microfone (GREGORI, 1993, p. 40).

A busca de novos mirantes, é utilizada para questionar a teoria da dominação patriarcal que concebe o poder como uma ordem vertical dos machos sobre as mulheres. Assim, novas perspectivas se manifestam, a partir da década de 90:

Primeiro, entendemos que a noção de dominação patriarcal é insuficiente para dar conta das mudanças que vêm ocorrendo nos diferentes papéis que as mulheres em situação de violência têm assumido. Defendemos uma

abordagem da violência contra as mulheres como uma relação de poder, entendendo-se o poder não de forma absoluta e estática, exercido via de regra pelo homem sobre a mulher, como quer-nos fazer crer a abordagem da dominação patriarcal, senão de forma dinâmica e relacional, exercido tanto por homens como por mulheres, ainda que de forma desigual (SANTOS; IZUMINO, 2005, p. 8)

### 3. Considerações finais

Nos empenhamos em salientar que o verbo amar faz parte de uma categoria de palavras dêiticas e polissêmicas, como cultura, liberdade, humano, moderno, gênero, entre outras; que se exigiria uma revisão em seus conceitos e mais ainda nas adversas e diversas situações em que servem apenas como calço do discurso, pela pretensão de ser um fármaco miraculoso para a nossa esperança mítica.

Alguns equívocos a respeito do amor foram apontados no texto. Sem hierarquizar, apenas para ordenar. Em primeiro lugar, o amor, seja ele qual for, não é universal. A dimensão cultural da afetividade nos mostra que sentimentos como, a dor, o ciúme, o amor, a tristeza, se expressam, quando se expressam; de forma diferente da nossa sociedade.

Em segundo lugar, o amor não é uma essência, uma poção, um destino que está fora do sujeito, como uma substância à parte da identidade do amante. Ama-se conforme seus traços pessoais. Um homem agressivo amará de forma áspera. Uma mulher racional amará de forma intelectualizada. Uma pessoa afável oferecerá a doçura do seu afeto.

Em terceiro lugar, o amor não é natural. Logo é possível haver sexo sem amor, mas não há amor romântico ou amor-paixão sem sexo, este, está na filogênese da espécie. Já a sexualidade é cultural pois trata-se da discursivização do sexo. Em quarto lugar, não existe o amor verdadeiro. Há diferentes modalidades sentimentais. Por fim, o amor não é tudo e nem tudo pode. Mas, como em todo mito, podemos acreditar que sim, para suportar as contradições humanas. Ressaltamos que a categoria de mulheres aqui analisadas, tolera demasiadamente a violência do parceiro, pois o homem que as agride é o mesmo que elas dizem amar. A tolerância abusiva tem o propósito de aguardar que o amor que sentem por eles irá transformá-los. Isto facilita que o parceiro reincida na agressão, como mostra o Mapa da Violência no Brasil.

A saída para este círculo vicioso não está em apenas condenar o agressor, mas a compreensão de que o poder do amor sobre a própria mulher pode ser maior que o poder do parceiro sobre sua liberdade.

Não procuramos culpados, culpadas ou vítimas em nosso trabalho. Procuramos expor uma lógica relacional das partes que conjugam a cumplicidade amorosa nas modalidades violentas da paixão. Nossa conclusão é a de que a violência no Brasil se tornou uma forma de relação, seja ela na vida privada, como no espaço público da rua, no trânsito, nas universidades, nas redes sociais, na religião e em outras dimensões da nossa sociedade.

O Brasil é o quinto país que mais mata mulheres no mundo e é também o primeiro em número de homicídios, independentemente do gênero da vítima. O campo da violência tampouco se restringe a sua forma letal, levando em conta que a violência psicológica antecede e permanece conjugada com a violência física, desde a infância até a vida adulta.

Na cultura da agressão onde a violência psicológica é uma forma de relação, torna-se tão difícil para a mulher sair da condição de vítima como para o homem deixar o seu lugar de culpa. Ambos encontram-se enredados pelos dispositivos da violência, pelo poder do mito amoroso como solução mágica para a felicidade humana. Torna-se tão penoso para a mulher se despir da beleza da sensualidade e do amor romântico, quanto para o homem desconstruir sua virilidade e seu machismo. Reconhecer a realidade não implica perpetuá-la, pior seria a sua negação. Entendemos que a saída para essas mulheres é reconhecer o lugar que ocupam nas tramas do sofrimento amoroso.

Uma das malhas desta rede, é a lógica religiosa de amar um homem, como uma mãe ama o seu filho. O amor incondicional, capaz de obliterar e alienar o eu que entrega-se ao outro no desespero de encontrá-lo, de não perdê-lo vivendo com este risco, “até que a morte os separe”. A educação sentimental brasileira produziu uma fusão entre amor, moral e religião no país com o maior número de católicos e espíritas do planeta, com evangélicos em altíssima ascensão. Daí a crença de que o amor é sempre bom e complacente, especialmente para a devoção das mulheres que segundo o Mapa da Religião, aderem mais à espiritualidade que os homens.

Outro aspecto do aprisionamento feminino ao amor romântico é o uso abusivo do mecanismo de racionalização psíquica e das fantasias. Tais recursos mentais conduzem estas mulheres a amar muito mais a esperança do discurso amoroso do que o indivíduo real, de carne e osso. Por vezes, pouco elas sabem sobre eles. Amam sim, a fantasia amorosa sobre o amor. Como afirma Rougemont (2003; 1988) “Precisam um do outro para arder em paixão, mas não um do outro tal como cada um é, precisam mais da ausência do que da presença do outro”.

Não é pouco o contingente de mulheres que se tornam dependentes do amor romântico. Tal dependência histórico-cultural, encontra amparo na intimidade amorosa dos pais com esta

filha, ainda na infância. A presença da Psicanálise nos estudos de gênero ainda é remota, em parte aviltada pela acusação sexista, machista, falocêntrica. Admitamos que sim, mas concordemos que isto não invalida as outras indispensáveis contribuições da construção da identidade feminina na relação da filha com a mãe, especialmente no Brasil, familista, apaixonado, religioso e materno. Não se pretende ignorar a crítica ao falocentrismo, mas alertar para a possibilidade de uma nova educação sentimental e sobretudo aos profissionais da saúde mental, um atendimento psicológico que ultrapasse a linha da judicialização, necessária em alguns casos, mas insuficiente.

Partimos do princípio de que não existe neutralidade no campo da pesquisa e tampouco um fenômeno científico possui causa única. Por outro lado, o reducionismo ideológico do “lugar de fala” nos estudos de gênero e do amor, tem causado mais dissensos do que consensos. Mais acusações do que resoluções, cerceando o avanço das pesquisas que não se alinham com a analítica jurídica, elas vítimas/eles culpados. Reafirmamos mais uma vez, o que já é sabido: a mulher é sempre vítima da violência masculina; porém isto não é tudo e está longe de esgotar o entendimento dos motivos que mantêm mulheres estudadas, politizadas e abastadas a permanecerem em situação de risco, com um parceiro violento. Encerramos também possuídos pela ambivalência que consome os amantes. Se, de um lado propusemos uma crítica ao sentimentalismo tóxico, por outro, ainda nos encantamos com a sua poética:

Pelo amor roubamos ao tempo que nos mata umas quantas horas que transformamos, às vezes, em paraíso e outras em inferno. De ambas as formas, o tempo se distende e deixa de ser uma medida. Mais além da felicidade ou da infelicidade, embora seja as duas coisas, o amor é intensidade; não nos presenteia com a eternidade, mas sim com a vivacidade, esse minuto no qual se entreabrem as portas do tempo e do espaço - aqui é mais além e agora é sempre. No amor tudo é dois e tudo tende a ser um (PAZ, 1994, p. 117-118).

#### REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, A. C. **A cabeça do brasileiro**. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Lisboa: Quetzal, 2009.
- CASTRO, V. E. B.; ARAÚJO, R. B. Romeu e Julieta e a origem do estado. In: (Org.) COSTA, J. F. **Sem fraude nem favor estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- DAMATTA, R. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

- DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**. Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.
- DAMATTA, R. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec, 2004.
- DUMONT, L. **Ensaio sobre o individualismo uma perspectiva antropológica sobre a ideologia moderna**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- FORWARD, S.; TORRES, J. **Homens que odeiam suas mulheres & As mulheres que os amam**. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 1981.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2012.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2013.
- FREUD, S. **Interpretação dos sonhos** (segunda parte) V. V. (1900-1901) Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- FREUD, S. **Os instintos e suas vicissitudes** (1915) em: **A história do movimento psicanalítico** (1914) V.XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- FREUD, S. **A dissolução do complexo de Édipo**. (1924) em: **O ego e o id**. V. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- FREUD, S. **Sexualidade feminina** (1931) em: **O futuro de uma ilusão** (1927). Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**. São Paulo: UNESP, 1993.
- GREGORI, M. F. **Cenas e queixas: Um estudo sobre mulheres, relações violentas e a prática feminista**. São Paulo: Paz e Terra; ANPOCS, 1993.
- GNOATO, G. **Violência contra a mulher: Por que elas permanecem em situação de risco com o parceiro violento?** Curitiba: Juruá, 2019.
- HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LAPANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- MACHADO, L. Z.; MAGALHÃES, M. T. B. **Violência Conjugal: os espelhos e as marcas**. Brasília: [s.n.], (Série Antropologia), 1998.
- MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MAUSS, M. **Antropologia**. São Paulo: Ática, 1979.
- NERI, M. C. (coord.). **Novo mapa da religião**. Rio de Janeiro: FGV, CPS, 2011.
- PAZ, O. **A dupla chama: amor e erotismo**. São Paulo: Siciliano, 1994.
- PERROT, M. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

- PINTO, C. R. J. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.
- PONDÉ, L.F. **Amor para corajosos**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.
- PRIORE, M. **Histórias e conversas de mulher**. São Paulo: Planeta, 2013.
- ROUDINESCO, E. **Dicionário amoroso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.
- ROUGEMONT, D. **História do amor no ocidente**. São Paulo: Ediouro, 2003.
- ROUGEMONT, D. **O amor e o Ocidente**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- SANTOS, C. M.; IZUMINO, W. P. Violência contra as mulheres e Violência de Gênero: Notas sobre Estudos Feministas no Brasil. **EIAL: Estudios Interdisciplinarios de America Latina y el Caribe**, v. 16, n. 1, p. 147-164, 2005.
- SOLOMON, R. C. **O prazer da filosofia**. Entre a razão e paixão. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- STRAUSS, C. L. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2003.
- STRAUSS, C. L. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- STENDHAL. M. H. B. **Do Amor**. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- STENDHAL. M. H. B. **Ernestine ou o nascimento do amor**. São Paulo: Hedra, 2011.
- VIGARELLO, G. **O sentimento de si**. Petrópolis: Vozes, 2016.
- WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil**. 1. ed. Brasília: [s.n.], 2015.
- WOLFF, F. **Não existe amor perfeito**. São Paulo: SESC, 2018.
- ZALCBERG, M. **De menina a mulher**. Cenas da elaboração da feminilidade no cinema e na psicanálise. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2019.

---

<sup>i</sup> Psicoterapeuta. Professor de Antropologia e Doutor em Tecnologia e Sociedade pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR. E-mail: [gnoato@onda.com.br](mailto:gnoato@onda.com.br)

<sup>ii</sup> Ver (GNOATO, 2019). Publicação da tese de doutorado acerca dos motivos que levam, no Brasil, mulheres abastadas, politizadas, viajadas, cientes de seus direitos protetivos, na continuidade de uma relação amorosa conturbada.

<sup>iii</sup> Um mito diz respeito, sempre a acontecimentos passados. Mas [...] o valor intrínseco atribuído ao mito, provém de que estes acontecimentos, que decorrem supostamente em um momento de tempo, formam também uma estrutura permanente. Esta se relaciona simultaneamente ao passado, ao presente e ao futuro (STRAUSS, 2003, p. 241).

<sup>iv</sup> Disponível em: <https://musica.uol.com.br/noticias/reuters/2009/11/06/rihanna-descreve-a-noite-em-que-chris-brown-a-espancou.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 11 março de 2019.